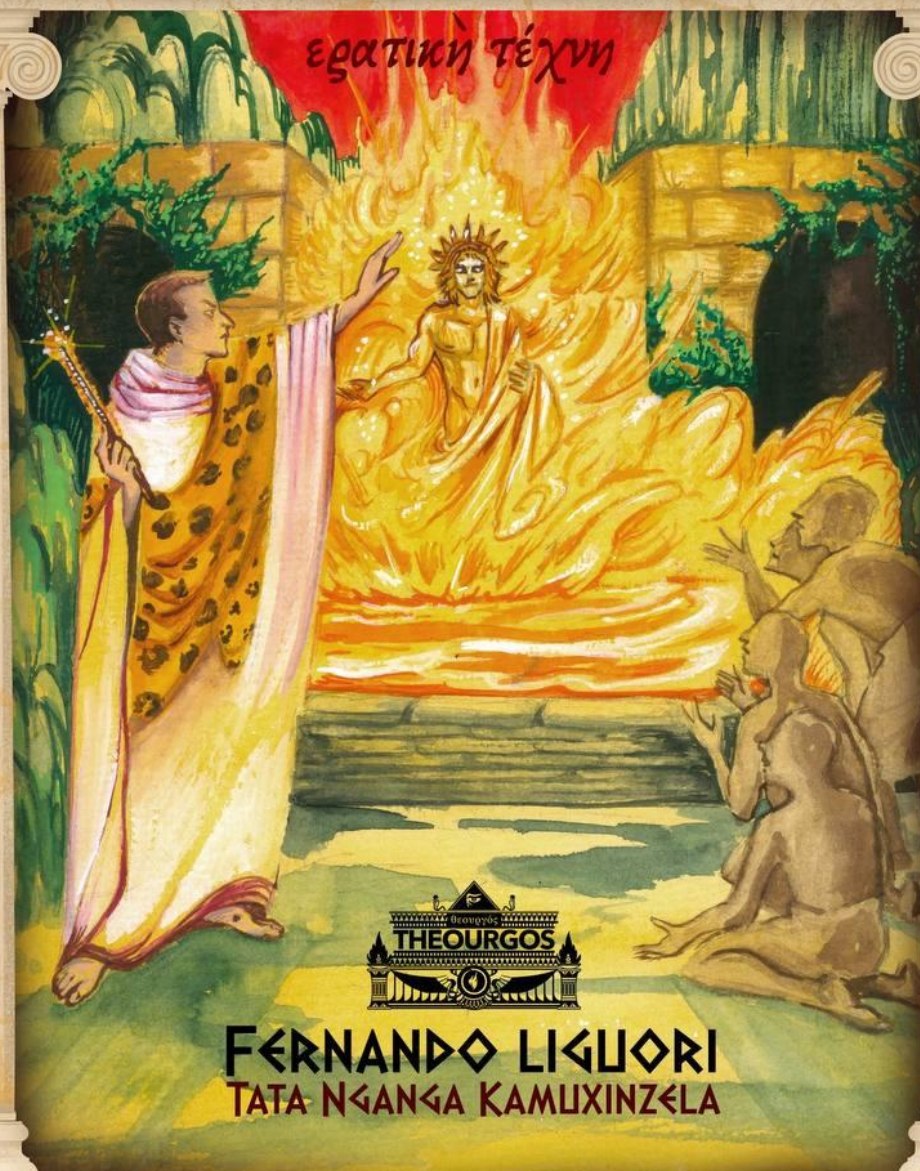


# DAEMONIUM

## A ARTE HIERÁTICA

VOL. IV

ερατική τέχνη



FERNANDO LIGUORI  
TATA NGANGA KAMUXINZELA

# DAEMONIUM VOL. 4

## A ARTE HIERÁTICA

DAEMONIUM: A ARTE HIERÁTICA constitui a culminação teórico-operatória do projeto DAEMONIUM, apresentando uma arquitetura rigorosamente tripartida que articula filosofia, teologia e teurgia sob o critério da mediação ontológica. O volume assume como eixo a recuperação do *daimôn* pessoal enquanto operador real da vida singular e do Cosmos, recusando tanto a redução psicologizante moderna quanto a moralização patrística. Com aparato filológico e argumentação de alto rigor, o livro reconstitói a inteligibilidade da ação espiritual a partir de uma ontologia das mediações, restituindo à tradição platônica tardia sua coerência interna e sua potência explicativa.

Na parte filosófica, o livro estabelece os fundamentos conceituais do *daimôn* pessoal como princípio mediador entre universal e particular, inteligível e sensível, causalidade superior e biografia concreta. A análise percorre Platão, Plutarco, Apuleio, Jâmblico e Proclo, demonstrando que o *daimôn* não é metáfora ética nem categoria psicológica, mas solução ontológica necessária ao problema da proporção causal. Essa seção elabora, com densidade filológica e precisão conceitual, a distinção entre alma, *noûs* e instância *daemônica*, mostrando como a vida ética, o destino e o caráter (*êthos*) dependem de uma mediação real que governa a tradução das causas universais em existência singular.

Na parte teológica, o DAEMONIUM Vol. 4 desenvolve uma doutrina hierárquica do Cosmos fundada na distinção rigorosa entre deuses, *daimones* e almas, articulada à noção de providência e às séries causais. O livro demonstra que a transcendência divina só se preserva mediante mediações proporcionais, e que a eliminação dessas instâncias, seja por monoteísmo simplificador, seja por dualismo, produz incoerência ontológica. Ao reconstituir a teologia platônica tardia, a obra evidencia o erro estrutural da demonização cristã do *daimôn*, não como divergência confessional, mas como colapso de categorias que dissolve a inteligibilidade da ação divina no mundo.

Por fim, na parte teúrgica, o volume apresenta a teurgia como *arte hierática*, i.e. como ontologia operatória da mediação. Aqui, a *ἱερατική τέχνη* é definida como o conjunto de operações nas quais a causalidade divina se torna imanente à matéria consagrada por meio de *symbola* e *sunthēmata*. A análise demonstra que imagens, nomes, substâncias, ritmos e corpos ritualizados não funcionam como representações, mas como marcas causais que permitem a fixação do fogo divino em receptáculos preparados. A teurgia é, assim, apresentada como ciência da presença e da eficácia, na qual o hierofante não fala do divino, mas se integra à cadeia causal que reconfigura o Cosmos pela ação efetiva da divindade através da matéria.



REVISTA THEOURGOS  
O CONHECIMENTO REJEITADO DA CULTURA OCIDENTAL

## DAEMONOLOGIA VS DEMONOLOGIA

Por Fernando Liguori  
Táta Nganga Kamuxinzela

A distinção entre *daemonologia* e demonologia constitui um ponto de inflexão conceitual indispensável para a inteligibilidade da teurgia no horizonte do platonismo tardio, pois separa uma ciência ontológica das mediações de uma construção teológica moralizada posterior. No pensamento platônico, o *daimôn* não é introduzido como exceção mitológica nem como criatura espiritual residual, mas como operador estrutural do *metaxý*, i.e. do *entre* ontológico que torna possível a comunicação entre ordens assimétricas do ser. Platão formula esse princípio de modo inequívoco no BANQUETE ao afirmar que πᾶν τὸ δαιμόνιον μεταξὺ θεοῦ τε καὶ θνητοῦ ἐστίν (*tudo o que é daimônico está entre o deus e o mortal*),<sup>1</sup> definindo o *daimôn* como condição de possibilidade da mediação e não como agente moral. A *daemonologia*, assim entendida, não classifica bons e maus espíritos, mas descreve uma necessidade ontológica: sem intermediários reais, a transcendência divina permaneceria inoperante e a vida humana, ontologicamente órfã. Essa concepção exclui desde a origem qualquer leitura ética binária do *daimôn*, pois sua função não é julgar, tentar ou corromper, mas traduzir e administrar causalidade superior no domínio da existência. A confusão entre *daemonologia* e demonologia produz consequências ontológicas decisivas para a compreensão da prática espiritual. Quando os intermediários são moralizados ou interiorizados, a mediação real desaparece e a relação com o divino é deslocada para dois extremos igualmente problemáticos: ou a intervenção direta de um princípio supremo concebido como agente eficiente, ou a redução da experiência espiritual a estados subjetivos. Em ambos os casos, a teurgia torna-se ininteligível, pois perde o campo ontológico no qual poderia operar. Proclo formula essa exigência de modo lapidar ao afirmar que ἄνευ τῶν μέσων ἀνυπόστατος ἡ τοῦ παντὸς τάξις (*sem os intermediários, a ordem do todo carece de sustentação*).<sup>2</sup> A *daemonologia* platônica não é, portanto, uma curiosidade doutrinária, mas o fundamento lógico da possibilidade de uma ação divina mediada, proporcional e não violenta. É somente a partir dessa distinção rigorosa que se pode compreender por que a demonologia posterior não constitui continuação da filosofia platônica, mas sua negação estrutural.

A demonologia, em contraste, emerge historicamente quando a categoria ontológica do *daimôn* é reinterpretada segundo um paradigma moral absoluto, no qual o intermediário deixa de ser função cosmológica e passa a ser avaliado como agente do mal. Essa transformação não decorre de desenvolvimento interno da filosofia platônica, mas de uma ruptura ontológica: a dissolução do *metaxý* como espaço

<sup>1</sup> Platão. *O Banquete*. Em DIÁLOGOS. Vol. V. Edipro, 2014, pp. 77-78.

<sup>2</sup> Proclus. *Theologia Platonica* I:5. Em Thomas Taylor (Trad.). THE SIX BOOKS OF PROCLUS ON THE THEOLOGY OF PLATO. Kshetra Books, 2017, pp. 38-40.



legítimo de mediação. Quando a hierarquia do ser é reduzida a uma oposição binária entre um princípio supremo absolutamente bom e um mundo inferior corrompido, os intermediários tornam-se conceitualmente instáveis e passam a ser absorvidos em categorias éticas. O *daimōn*, que no platonismo tardio pertence a um *genos* ontológico próprio, é então reinterpretado como demônio no sentido moralizante, i.e. como vontade adversária. Essa operação elimina a neutralidade funcional do intermediário e torna impossível qualquer economia graduada da causalidade. A demonologia não é, portanto, uma ciência do ser, mas um discurso normativo que projeta categorias humanas de culpa e intenção sobre aquilo que, no platonismo, pertence ao domínio da administração ontológica do real.

A oposição entre *daemonologia* e demonologia torna-se explicitamente teórica em Jâmblico, cuja crítica visa tanto a moralização quanto a psicologização dos intermediários. No DE MYSTERIIS, Jâmblico insiste que os *daimones* não são disposições da alma nem símbolos de estados interiores, mas realidades ontológicas subsistentes, dotadas de natureza e função próprias. Ele afirma de modo categórico: οὐ γὰρ ψυχῶν πάθη ταῦτα, ἀλλ’ οὐσίαι καὶ φύσεις ἰδίαι καὶ καθ’ αὐτὰς ὑφ’εστῶσαι (*essas coisas não são afecções das almas, mas substâncias e naturezas próprias, subsistindo em si mesmas*).<sup>3</sup> Essa afirmação exclui simultaneamente a leitura moralizante e a leitura psicológica: o *daimōn* não é nem vício moral exteriorizado nem conteúdo psíquico interiorizado. Ao reafirmar a realidade ontológica dos intermediários, Jâmblico preserva a inteligibilidade da teurgia como cooperação com causas reais e não como dramatização ética ou autoafecção da consciência. A transição da *daemonologia* platônica para a demonologia moralizante não constitui um desenvolvimento conceitual progressivo, mas uma ruptura ontológica que altera o próprio regime de inteligibilidade do real. No platonismo tardio, os *daimones* pertencem a um gênero intermediário necessário, cuja função é administrar a tradução da causalidade superior no domínio da vida e do devir; sua existência decorre da estrutura hierárquica do ser e não de um problema moral. Quando essa função é reinterpretada em termos éticos absolutos, o *daimōn* deixa de ser operador de mediação e passa a ser concebido como vontade adversária. Essa conversão desloca o problema da causalidade para o campo da intenção moral, substituindo a pergunta *como o divino age proporcionalmente?* pela pergunta *quem é moralmente culpado?*. O resultado é a dissolução do *metaxý* e a impossibilidade de explicar como a transcendência pode permanecer eficaz sem violência ontológica. A demonologia nasce, assim, da negação da mediação como categoria do ser.

No horizonte platônico tardio, os *daimones* não são definidos por bondade ou maldade, mas por função (*ergon*) e posição (*taxis*) na hierarquia do real. Jâmblico insiste que paixões, mutações e afetos pertencem ao domínio *daemônico* precisamente porque este opera na interface entre inteligível e sensível, e não porque os *daimones* sejam moralmente corruptos. Ele afirma explicitamente: τὰ πάθη καὶ τὰς μεταβολὰς οὐ τοῖς θεοῖς, ἀλλὰ τοῖς δαίμοσιν ἀποδοτέον» (*as paixões e as mudanças devem ser atribuídas não aos deuses, mas aos daimones*).<sup>4</sup> A demonologia moralizante ignora essa neutralidade funcional e projeta categorias éticas humanas sobre uma ordem ontológica intermediária, convertendo administração causal em intenção perversa. Essa projeção impede compreender porque o regime do devir exige operadores mutáveis sem comprometer a transcendência do princípio supremo.

<sup>3</sup> Iamblichus. ON THE MYSTERIES. I:3. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 13.

<sup>4</sup> Iamblichus. ON THE MYSTERIES. II:4. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 93.

Uma das consequências mais profundas da demonização do *daimōn* é a substituição da mediação graduada pela intervenção direta do princípio supremo. Ao negar operadores intermediários legítimos, a causalidade divina é forçada a agir sem tradução proporcional, seja por decretos imediatos, seja por exceções milagrosas. Tal modelo destrói a inteligibilidade da processão (*proodos*) e torna a ação divina arbitrária ou episódica. Proclo recusa explicitamente essa possibilidade ao distinguir princípio e causa eficiente: τὸ μὲν ἔν οὐκ αἷτιον, ἀλλ' ἀρχή (*o Uno não é causa, mas princípio*).<sup>5</sup> A demonologia, ao concentrar a causalidade num único agente moral, elimina o espaço ontológico onde a teurgia poderia operar como cooperação hierárquica, convertendo a prática espiritual em súplica, obediência ou interiorização subjetiva.

O segundo desdobramento da demonização é a psicologização moderna do *daimōn*, pela qual o intermediário ontológico é reinterpretado como função da consciência, arquétipo ou estado interior. Essa operação não é neutra: ela elimina a alteridade real do mediador e reduz a mediação a autoafecção psíquica. Jámblico antecipa a crítica a esse deslocamento ao afirmar que a presença divina não é produzida por disposições internas da alma.<sup>6</sup> Ao interiorizar o *daimōn*, a modernidade suprime a hierarquia causal e torna impossível distinguir presença ontológica de imaginação, dissolvendo a teurgia em psicologia espiritual.

A demonologia, seja moralizante seja psicologizante, conduz inevitavelmente à impossibilidade conceitual da teurgia, pois elimina o campo ontológico no qual a ação divina poderia manifestar-se sem colapso. Sem intermediários reais, o rito não pode ser cooperação (*synergeia*), mas apenas manipulação simbólica ou gesto jurídico. A demonologia não falha por excesso de crença, mas por déficit ontológico: ao negar os mediadores, ela torna incoerente tanto a transcendência quanto a eficácia, reduzindo a prática espiritual a moralismo ou simbolismo.

Assim, a *daemonologia* platônica não é uma alternativa teológica entre outras, mas a condição de inteligibilidade da arte hierática enquanto cooperação ontológica com a ordem do real. Reconhecer o *daimōn* como mediador legítimo significa preservar simultaneamente a transcendência do princípio, a hierarquia dos níveis e a singularidade da vida individual. A demonologia, ao negar essa mediação, destrói a própria possibilidade de uma prática espiritual ontologicamente fundada. Essa seção encerra-se, assim, estabelecendo que a recuperação rigorosa da *daemonologia* não é exercício histórico, mas requisito estrutural para que a teurgia possa ser pensada e praticada sem recaída em imediatismo, moralismo ou psicologização.

Encerrada a distinção ontológica entre *daemonologia* e demonologia, torna-se possível identificar com precisão dois anacronismos recorrentes que, embora se apresentem sob roupagens éticas ou espirituais, derivam do mesmo erro estrutural: a recusa moderna da mediação ontológica e da economia hierárquica do sagrado. Quando a teurgia é reinterpretada segundo sensibilidades morais tardias ou segundo ideais igualitários estranhos ao platonismo teúrgico, seus dispositivos fundamentais, sacrifício, sacerdócio e remuneração ritual, passam a ser julgados por critérios extrínsecos ao seu regime ontológico próprio. Tal deslocamento resulta na tentativa contraditória de praticar a teurgia enquanto se nega aquilo que a torna possível. Jámblico é explícito ao afirmar que a ação divina se manifesta por meios proporcionais à ordem do sensível e que a eficácia ritual não se produz por intenções

---

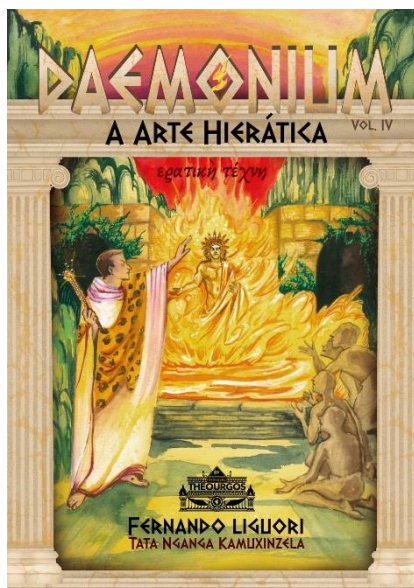
<sup>5</sup> Proclus. *Theologia Platonica* I:12. Em Thomas Taylor (Trad.). *THE SIX BOOKS OF PROCLUS ON THE THEOLOGY OF PLATO*. Kshetra Books, 2017, pp. 72-85.

<sup>6</sup> Iamblichus. *ON THE MYSTERIES*. I:12. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbelle (Trd.). SBL, 2003, pp. 53.

ou valores humanos, mas por inserção em séries causais adequadas.<sup>7</sup> A recusa moderna do sacrifício animal, em nome de um moralismo herdado do cristianismo, e a condenação da remuneração sacerdotal, em nome de um ideal espiritual desincorporado, são manifestações convergentes dessa mesma ruptura: ambas negam que o divino opere no domínio material segundo uma economia real de trocas, custos, serviços e mediações. As seções seguintes enfrentarão essas duas negações não como polêmicas éticas, mas como *erros ontológicos*: primeiro, demonstrando que sem sacrifício não há tradução efetiva da causalidade divina no sensível; depois, mostrando que sem sacerdócio e sem remuneração não há continuidade hierárquica nem responsabilidade ritual. Em ambos os casos, o objetivo não é defender costumes históricos, mas restaurar a inteligibilidade da teurgia como prática real, inseparável de uma economia do sagrado que reconhece custo, mediação e autoridade como condições de eficácia.

---

<sup>7</sup> *Ibidem.*



O presente texto trata-se da Seção 3 da Introdução do quarto volume da série DAEMONIUM, dedicado exclusivamente a *arte hierática* da teurgia. Em breve disponível para compra.



[www.theourgos.com.br](http://www.theourgos.com.br)  
[www.goeteia.com.br](http://www.goeteia.com.br)